

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA**

MEMORIAL PARA A PRÁTICA DE ENSINO

Novembro/2011

GABRIELA BARBOSA DE SOUTO

Memorial apresentado à disciplina
**Prática de Ensino de História na
Escola de 1º e 2º Graus** do Curso
de História da Universidade Federal
de Campina Grande. Docente
responsável: Eronides Câmara de
Araújo. Estagiário docente: Janailson
Macedo.

Novembro/2011



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

MEMORIAL

Me chamo Gabriela, a escolha do nome foi uma decisão de família, minhas irmãs, Mírian e Lílian, pensaram logo no apelido “Gabi”, assim não sou Mariana ou nem Carolina – e nem Vívian; quando criança sempre quis ter esse nome para rimar com o das minhas irmãs. Nasci no Rio de Janeiro, em maio de 1988. Sou a caçula dos quatro filhos dos meus pais, de quem tenho muitas influências. Apesar de ter nascido no Sudeste, minha origem é nordestina. Meu pai, Zélio, nasceu em Patos, interior da Paraíba, e viveu muitos anos em Cruz do Espírito Santo, localizada também na Paraíba. Já minha mãe, Noêmia, nasceu no Rio de Janeiro, mas meus avós são do Espírito Santo e Bahia.

Não conheci meu irmão mais velho, que faleceu quando tinha 15 anos apenas. A diferença de idade entre minhas irmãs e eu me permitiu ter mais duas mães, uma delas foi minha mãe de leite, já que meu sobrinho, Victor, nasceu um mês depois de mim. Quando eu ainda era criança nos mudamos para Campina Grande, segunda maior cidade da Paraíba, devido a aposentadoria de meu pai. Ao contrário de meus irmãos que sempre estudaram em escolas públicas (na época o ensino público era muito melhor, como sempre diz minha mãe), sempre estudei em escolas particulares, mesmo em períodos de dificuldade financeira.

Em Campina Grande tive a oportunidade de estudar na escola Domingos Sávio (do então chamado Jardim II à terceira série) e no Colégio Imaculada Conceição (da quarta série até o terceiro ano do ensino médio). Em ambos fiz boas amizades, algumas das quais reencontrei após ingressar na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG).

A escolha para a inscrição no vestibular foi difícil, lembro-me de passar muito tempo com os manuais do candidato da UEPB e UFCG, e a cada olhada uma nova profissão queria fazer. No terceiro ano resolvi que disputaria as vagas de História nas duas universidades (não me lembro se na primeira fase do Processo Seletivo da UFCG nós já escolhíamos o curso, acho que era só na fase final), e ainda me pergunto se foi uma decisão acertada. A imaturidade e a incerteza podem não ter sido bons conselheiros, afinal, minha relação com a

História é de amor e ódio (mas penso que em qualquer curso que entrasse seria da mesma forma), em alguns períodos apenas de ódio, mas faz parte da vida e o que aprendi carregarei para o resto dela. Como digo aos amigos, fazer história tirou minha inocência, nunca mais terei o mesmo olhar para o mundo.

Como foi dito anteriormente, passei no vestibular para História, nas duas universidades. Lembro de minha alegria se dividir com a tristeza de ver que minha melhor amiga de tantos anos, Adayanna, não tinha passado. Não achava certo comemorar diante dela, mas algum tempo depois nos encontramos novamente na UFCG, ela conseguiu passar para o curso de Administração, e fiquei imensamente feliz por ela.

Minha escolha pela Federal se dava à possibilidade de trabalhar como pesquisadora, isso me iludiu. Sem conhecimento da área, acreditei que poderia realmente viver como pesquisadora em História no Brasil, e hoje, depois dos cinco anos de curso, sei que não é bem assim que as coisas funcionam. E sei também que a pesquisa anda lado a lado com ensino, pelo menos para os professores universitários. Para os professores de escolas a realidade é completamente diferente, e tempo para pesquisas particulares é praticamente inexistente, principalmente nos anos iniciais de carreira, quando se tem tantas turmas para dar conta.

A universidade é realmente um mundo completamente diferente da escola. Os grupinhos ainda existiam, afinal, as pessoas não precisam ter afinidades com todas. O primeiro dos choques que levei foi esperar encontrar uma turma mais “rebelde”, como era a fama do pessoal de História (“ateus e viciados”, era o que diziam), mas me deparei com uma turma em que praticamente metade dela era protestante, uma realidade que não conhecia no Colégio das Damas, onde a religião católica predominava (lembro de ter apenas dois protestantes na minha turma do colégio).

No primeiro período é tudo muito novo. É a fase eufórica e desesperadora. A primeira aula da nossa turma foi com o professor Gervácio, de *Introdução a Teoria da História* (ou seria ao Estudo da História? Não me recordo), e tudo aquilo que eu vi de história na escola foi desconstruído. Ele perguntou porque cada um de nós escolheu o curso, como a turma tinha 30 pessoas, demorou tempo o suficiente para que eu e minha amiga Raíssa não respondêssemos, e que bom, ainda não tenho a resposta. Por falar em Raíssa,

nos conhecemos no dia de fazer a matrícula. Da turma que tinha passado eu só conhecia Clóvis, primo de um amigo meu da escola, o Thiago. Na época, a matrícula ainda era presencial, a sala da coordenação, que ficava no primeiro andar do Bloco AB, estava lotada, feras e veteranos todos misturados. E juntas e espremidas no balcão estávamos eu e Raíssa. Foi amizade à primeira vista, escolhemos as optativas juntas. Nesse dia vimos Gustavo, ele tava fazendo a matrícula com ajuda de Fernanda, que foi nossa monitora em Antiga Oriental. Ele esqueceu alguma coisa na sala, e veio buscar depois.

Na nossa turma passaram 30 alunos, logo no primeiro período tiveram algumas desistências, pessoas que passaram em outros cursos (Direito) optaram por ficar no outro. Nos períodos subsequentes tivemos várias saídas, a turma começou a se dispersar, pagávamos cadeiras misturadas com turmas de outros períodos, o que proporcionou uma boa troca de ideias, algumas vezes confusões, pequenos atritos. Olhando para esse começo hoje, em 2011, vejo que poderia ter aproveitado melhor várias disciplinas, estudado outros autores sugeridos quando ainda tinha tempo disponível, o que evitaria ter que correr atrás do atraso em vésperas de conclusão de curso, o que torna o fim mais angustiante.

Por volta do terceiro período, eu pensei em desistir do curso. Ainda procurei a coordenação para me informar sobre os procedimentos, queria transferência para Arte e Mídia ou Letras. Estava muito desgostosa com História, na época andava muito com amigos de Arte e Mídia, ainda assisti algumas aulas, mas no fim, foi a melhor coisa não ter mudado, pois o curso também não atendia as minhas expectativas, já que queria a transferência para trabalhar com animação. Letras ainda me é um curso tentador, sempre fui apaixonada por livros, e sou uma leitora ávida desde que aprendi a ler (para alegria da família que não aguentava mais repetir as historinhas para eu dormir).

Foi nesse mesmo período que chegou um novo professor, que pegou a disciplina de Civilização Ibérica, Fabiano Melo. De minha parte, não tenho nada que reclamar deste professor, a não ser seu antiprofissionalismo. Comigo nunca houve desrespeito ou qualquer tipo de conflito, até participei de um grupo de estudos sobre Ibéria que ele abriu. Ele, inclusive, me emprestou livros para estudar a arte ibérica, foi meu despertar para o interesse em História da

Arte. Bem, infelizmente, o professor teve uma conduta inapropriada com alguns dos meus colegas, dentro e fora da academia. Lembro-me de uma vez que ele chegou nitidamente embriagado, quase uma hora de atraso para própria aula e falou uma série de coisas, incluindo colocou a mim e outras pessoas em sua avaliação final, mesmo sem apresentar a nota, que descobrimos após sua saída ser boa o bastante para que não passássemos por essa experiência. Depois disso, as coisas não melhoraram, e tivemos que chegar ao extremo de pedir a retirada do professor de seu cargo; realizamos um abaixo assinado e foi feita uma reunião no departamento para decidir a situação. Ao fim e ao cabo, Fabiano saiu da UFCG, e não tive mais notícias do mesmo.

Desde o segundo período o clima estava atribulado, me envolvi em uma confusão séria com um aluno que perseguia uma amiga, e até tinha acompanhamento psicológico. Foi um momento bem traumático para todos nós, momento este que prefiro não detalhar aqui neste memorial, pois acho inconveniente rememorar essa experiência que não me envolveu diretamente, haja vista que o sujeito problemático continua no curso e hoje age naturalmente comigo. Prefiro me resguardar dessas lembranças.

O quarto período ainda refletia os problemas do segundo e do terceiro, e não consegui acompanhar mais o andamento da minha turma. Tranquei a disciplina de Teoria da História e Paleografia, pois não conseguia conviver naturalmente com meus colegas, foi um momento de afastamento meu. Foi momento também em que a turma se dividiu entre os sexos, de um lado ficavam os meninos, do outro, as meninas, e eles mantinham rixas que até hoje não consegui compreender. O quinto período foi mais calmo, mas ainda estava um pouco distante dos meus amigos, foi mesmo uma fase antissocial, que passou no período seguinte, mesmo assim, algumas disciplinas estavam atrasadas, outras adiantadas, e não mantive mais o ritmo do grupo, seguindo a mesma sequência de horários. Foi o momento em que me aproximei de algumas pessoas do turno da noite, com quem paguei várias cadeiras.

Esses períodos atribulados foram o que parei de produzir, quase não escrevi artigos, em parte por falta de interesse meu, mas também por me sentir perdida sem saber o que estudar. Naquele momento, o fantasma da monografia já se aproximava e as possibilidades eram muitas.

No sexto período foi o retorno do professor Alarcon, quando cursei a disciplina de *Métodos de Pesquisa em História*, foi um momento muito importante, quando ele dava muitas dicas, no que dizia ser um “momento SEBRAE”. Dentre aqueles momentos, uma sugestão de tema monográfico surgiu, que foi a questão do casario campinense estar sendo demolido em detrimento de interesses comerciais e não se ter um registro dos mesmos. Como eu sempre mantive interesse em História da Arte, e em menor grau Arquitetura, fiquei com essa ideia fixa, e resolvi abraçar o tema e desenvolver minha monografia. No período seguinte, iniciei minha pesquisa, paralelamente às disciplinas que ia cursando, algumas em horários bem diferentes, pois tive um atraso no cronograma devido aos trancamentos e choques de horários.

Ao fim de dez períodos, conclui meu curso de bacharelado. O trabalho de conclusão do curso foi aquele escolhido quatro períodos antes, e que me proporcionou uma experiência de pesquisa em arquivos que me foi e ainda é muito valiosa. A preocupação que desenvolvi com a conservação dos documentos, deixados de lado no Arquivo Público Municipal, o estranhamento dos funcionários deste ao me verem “equipada” para a pesquisa com luvas e máscara, o contato com registros do cemitério das Boninas, das casas, ver o surgimento das casas comerciais da Rua João Pessoa, entre tantos outros, foi muito marcante para minha vida acadêmica.

Também foram marcantes os momentos de participação na organização dos eventos nos quais Juciene me convidava, todas as responsabilidades, que não foram poucas, os problemas que precisei resolver, os contatos que fiz com colegas de outras regiões e até outros cursos de áreas afins, foi tudo muito construtivo. Senti um pouco não ter publicado em eventos de outras instituições, em outros estados, também de não ter conseguido monitoria ao longo dos quatro anos e meio de graduação, assim como um Pibic, do qual tive a oportunidade de participar como voluntária do projeto de pesquisa de Alarcon intitulado: *Mídia, Violência e Governo dos Velhos e da Velhice - um estudo do JORNAL DA PARAÍBA entre 1994 E 2005*, mas devo confessar que minha participação foi mais no intuito de manter contato com meu orientador do que interesse genuíno na temática.

Algumas viagens foram únicas, como a visita a comunidade quilombola de Pedra D'Água, proporcionada pelo professor Luciano durante a disciplina de

Tópico Especial de História da África, onde pude conhecer pessoas muito simpáticas e simples, realmente cativantes, com memórias incríveis sobre seus antepassados. Não posso deixar de mencionar o rasgão na minha calça jeans preferida enquanto eu subia uma ladeira quase infinita embaixo do sol escaldante. A viagem ao *Museu do Homem do Nordeste* e a Casa de Gilberto Freyre, em Recife, junto com a turma da disciplina de *História do Nordeste*, a qual lamento até hoje não ter passado em Brennant! Mas que foi ótima para conhecer um “museu de verdade”, visto que os daqui de Campina Grande deixam muito a desejar, infelizmente. A outra foi à João Pessoa, no evento da Anpuh, fomos eu, Raíssa e Vanessa e foi tudo muito divertido – incluindo as compras na livraria.

A defesa da monografia em dezembro de 2010 foi uma verdadeira loucura. Na reta final, tive muitos problemas com a orientação, encontros que foram desmarcados, remarcados, e o resultado foi uma monografia, a meu ver, mediana, mas que não tinha condições de sair melhor pela falta de tempo. Apesar de ter começado com a escolha do objeto e tema quatro períodos antes, no momento crucial da escrita senti falta de conversar mais com Alarcon, pensar melhor no que estava sendo produzido. Talvez seja meu perfeccionismo que me faça sentir um pouco de vergonha do resultado final. A banca escolhida, Juciene e José Otávio, foi muito generosa, me dando uma nota que até hoje me pergunto se mereci. As quase três horas e meia de considerações foram muito boas para repensar o que foi feito, e melhorar os pontos mais críticos.

O ano de 2011 me reservava apenas as disciplinas de educação. No primeiro período, já que ganhei uma matrícula nova e voltei a ser “fera”, tentei cursar três das cinco disciplinas restantes, para não sobrecarregar o segundo semestre, no qual defenderia minha segunda monografia. Infelizmente, ainda existia o pré-requisito de uma delas, me forçando a cursar apenas duas. A disciplina de Didática foi meio conturbada pelo mês sem aula, já que a nova professora ainda estava acertando sua contratação, mas foi ótimo conhecer Maríthiça, uma professora adorável e super simpática. Em contrapartida, a disciplina de Psicologia da Adolescência beirou ao martírio. Textos antigos, não atualizados, dificuldade de comunicação com a professora Shakuntla.

Nesse ínterim, sentei com minha orientadora da nova monografia, Juciene, para definirmos o que iríamos trabalhar, já que a ideia era trabalhar com patrimônio imaterial. Nessa conversa surge as crocheteiras de Areial, as quais Juciene já conhecia devido à prima de seu marido ter presidido por alguns anos a Associação das Crocheteiras da cidade. O primeiro contato com elas só foi firmado em agosto, quando o segundo período já tinha iniciado, e eu tinha percebido como o semestre seria corrido e atarefado, especialmente por conta do estágio docente, que ainda me assustava na época.

No segundo, e último, período de 2011, estou pagando as últimas disciplinas, e fico angustiada me perguntando como vai ser quando me lançar no mercado de trabalho como professora de História. Digo isto, pois, pude perceber - com as disciplinas de *Metodologia do Ensino de História*, *Complementação da Prática* e *Prática de Ensino* - como é difícil lidar com alunos, que em sua maioria acham disciplina de História chata, em grande parte devido ao contato com outros professores que tem uma metodologia que não coopera com o interesse dos alunos. Ainda acho que os alunos da UEPB estão melhor preparados para exercerem a profissão, e que eu vou aprender lecionando, pois o período de seis aulas é insuficiente até mesmo para conhecer a turma.

Entre todas as atividades das disciplinas, que incluíram muitas oficinas, dividi meu tempo com a pesquisa de campo em Areial. Estamos em novembro e estou encerrando todas as atividades, o que inclui a monografia. E a professora Regina tinha razão quando disse que a escrita da monografia é um trabalho solitário, às vezes isso é um pouco angustiante, e nem sempre temos o tempo dos orientadores à nossa disposição. Passei pelo estágio no Estadual da Prata, e vi que as coisas não são tão ruins quanto eu imaginava que seria, mas também sei que a professora Josélia me cedeu sua melhor turma, e que o curto espaço de seis aulas foi insuficiente para aprender a “domar” uma turma de adolescentes, mas a experiência foi muito válida.

Concluo o curso com o sentimento de alívio, tirando um enorme peso das costas. Ainda estou no conflito do começo do curso, amo História, mas a ideia de (sobre)viver lecionando ainda me causa arrepios. Não me acho apta para tal, apesar de ter gostado muito de ficar a frente de uma turma, mas a realidade não é bem essa, e que quando for a uma escola vou pegar muitas

turmas e nem todas são fáceis. Estou em meio a uma seleção de mestrado e ainda não sei se tento finalmente o curso de Letras, ou se embarco na pós-graduação. Sei que uma coisa não impede a outra, mas no fundo ainda sonho com o dia que serei escritora e ilustradora, e tenho alguns projetos em mente que conciliam com o curso que fiz, o que será ótimo se der certo. E espero que dê.